



FORA
D'ASA

Te conto, crônica

todas
escrevemos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Te conto, crônica [livro eletrônico] / organização
Bruna Morelo , Camila Alexandrini. -- 1. ed. --
Porto Alegre, RS : Fora da Asa, 2021. --
(TodAs EscreVemos ; 1)

ISBN 978-65-993108-1-2

1. Crônicas brasileiras 2. Mulheres - Livros e
leitura I. Morelo, Bruna. II. Alexandrini, Camila.
III. Série.

21-61278

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

3 Apresentação

Camila Alexandrini e Bruna Morelo

4 FAUNA

Bárbara Bastos

7 RESIGNAÇÃO OU CANSAÇO?

carol stranzke

9 CASULO

Cátia Docimara Silveira da Silva

**11 NAQUELES DIAS, DIAS COMO ESTES EM QUE
CONTAMOS SONHOS E MORTOS**

Diane Sbardelotto

14 NEM TUDO É SOBRE A GENTE

Jessica Oleques Rodrigues

16 DIÁRIO DE BORDO

Laura de Brito Mallmann

18 RESPIRAR, INSPIRAR, NÃO PIRAR

Lisandra Nunes

20 REMOTO CONTROLE

Mari A. Bortoli

22 SONHO-ENIGMA

Marina Albugeri da Silva

24 AUTOFICÇÃO

Neiva Borges

26 MEIA-MORTE

Rosa Pereira

28 NÃO SE DEVE DEIXAR PARA MANHÃ

Salete Pinheiro

30 SOBRE NOMES E FOGUETES

Simone Rodrigues



APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que lançamos para o mundo a coletânea: Te conto, crônica! Este precioso conjunto de textos é o produto final da oficina “Crônica para Mulheres”, realizada em fevereiro de 2021, pela Fora da Asa, como uma das contrapartidas da Lei Aldir Blanc. A oficina teve como objetivo lidar com o cotidiano - vivido ou inventado - de mulheres e fazer disso matéria de nossa escrita. Através das crônicas reformulamos e compartilhamos acontecimentos dos dias e das horas e, quando isso tudo é experiência de mulheres, sabemos que não se trata apenas de uma sequência de eventos. Nossa rotina é transpassada por diversas camadas de sentido - as quais se multiplicam em cada sujeita.

Esses sentidos compõem a materialização das experiências e permitem que o corriqueiro seja iluminado pelo olhar particular de cada escritora, através de sua escrivência. São tantas as temáticas e os estilos, que é possível que muitas se encontrem aqui, nas partes dos universos retratados. Há sonho, trabalho, dor, amor, casa, revolta, relações, estes e tantos outros aspectos que formam o cosmos que é o nosso dia a dia.

Mais do que escrever crônicas, a nossa ideia e meta principal é que mulheres compartilhem e publiquem seus textos, pois elas escrevem. Acreditamos que incentivar e possibilitar a escrita de mulheres é uma forma de nos fortalecer, é registro de nossas vidas - tantas e múltiplas.

Assim, escrevamos! E, para isso:

- Não tenha medo de escrever, estamos em um espaço seguro (ninguém está aqui para avaliar e sim para ler e ouvir);
- Se sinta autorizada a escrever sobre o que quiser;
- Dê ouvidos a sua própria voz, estamos aqui para ouvi-la;
- Antes de não gostar do seu próprio texto, compartilhe-o com outras mulheres. Talvez sua visão mude!
- Autocrítica é importante, procure, no entanto, não se autossabotar;
- Tenha uma visão positiva sobre sua escrita, valorize a si mesma e a sua autoria;
- Use a escrita a seu favor - ela é uma aliada, não uma inimiga;
- Se a sua escrita ainda não te representa, não se preocupe, escreva de novo, reescreva.

Esta é mais uma publicação com o selo TodAs EscreVemos.



Bárbara Bastos. Das Minas Gerais de nascimento e viajante por vocação. Acredita no poder do amor, da transformação e do movimento. A liberdade para se viver uma vida que vale a pena ser vivida e as histórias maiores que nós mesmas são suas constantes fontes para a travessia. Atualmente, é doutoranda em Ciências Políticas na Universidade de Pisa, para aprender com e investigar sobre alternativas em matéria de justiça ambiental e habitabilidade em um mundo carregado pelas cicatrizes e feridas das catástrofes ambientais.

FAUNA

Por favor, espere um pouco mais. Ainda não encontrei a melhor maneira de dizer...O apartamento é pequeno. Hoje faz sol lá fora, a luz e o calor entram por uma fresta. Não posso sair para aproveitar a estrela em sua magnitude. Me arrasto, e ali, no chão de azulejos brancos e frios da cozinha, me acomodo, como um lagarto. Descubro que sou réptil, dependendo do meio para manter a temperatura.

Abro o computador e um cheiro de fumaça invade o ambiente. Sou alérgica. Selma, a vizinha de frente, está no balcão. Cumprimento com um aceno, e ela, com olhos de pomba que leem pensamentos, diz quase aos berros, sem cobrar o fôlego:

- Ah, Marina, desculpa, não deveria fumar aqui, estou toda atrapalhada esses dias, sabe, parece que visto uma roupa que não cabe em mim...Fui demitida, o Henrique não conversa com a Amanda e o Paulinho...Até voltei a fumar por causa disso, mas as crianças não suportam o cheiro que fica impregnado nas roupas, nos móveis...Eu limpo, esfrego, mas não sai, miséria, miséria...

- Não se preocupe, Selma. Agradeço a compreensão, sou alérgica. Termino o trabalho e logo conversamos se quiser, tudo bem? Com toda a distância e precaução, evidentemente...

- Com distância, mas sem privacidade, Marina? Como? O prédio inteiro escuta...Aliás, agora mesmo estão escutando...Isso sem mencionar nossos dispositivos eletrônicos, miséria...Não é à toa que são inteligentes...Bisbilhotam tudo...Não, querida. Obrigada, obrigada...



Nos despedimos, ela desaparece pela porta com a mão na testa, e eu fecho a janela. Sinto compaixão...Selma precisa mais do que um desabafo desesperado, suponho. Não existe ave que se adapte ao cativo, ainda que lhe cortem as asas.

Começo a digitar, quando ouço vindo da casa de Janaína, a vizinha do andar de cima, o som: Água de beber...água de beber, camarada. Sorrio e rabisco uma resposta, que logo mais deslizarei pelo vão inferior da sua porta: Pois há menos peixinhos a nadar no mar. Do que os beijinhos que eu darei na sua boca...

Janaína e eu nos reconhecemos. Dia desses, enquanto lavava o banheiro, escutei Jana cantarolar, num tom de lamento bem humorado: Os sonhos mais lindos, sonhei... Comecei a gargalhar, tão alto que ela perguntou:

- Que foi, Marina? Tá rindo de mim é? Hehehe.

- Desculpa, Janaína. Não, não...Só lembrei que eu e minhas amigas brincávamos no karaokê da Camila, sabe...E eu sempre escolhia essa música, imagina, aos onze anos de idade...Mas pelo menos fazia elas rirem, e o recordar me faz rir. Sou meio estranha, admito, não quis ofender...

- Hahaha, imagino. Não se preocupe. Eu, atrevida que só, canto a minha esquisitice, apesar de tanto desafino...Mas, prefiro isso a deixar a faringe seca como um sabugo de milho...Nesses tempos então...A alegria é uma prática.

- Verdade! E a felicidade, a aposta.

A princípio, tudo começou como uma brincadeira despreziosa, mera distração para duas vizinhas que têm mais tempo do que a maioria das mulheres, porque vivem a quarentena sozinhas. Dias depois, deixei no vão inferior da sua porta um pequeno bilhete: Gire a maçaneta e veja o que há sobre o tapete. Havia deixado ali, na soleira, o disco Vou na Fé, de Jovelina Pérola Negra, com o seguinte recado pregado: P/ você expandir o repertório, um disco lançado no ano do meu nascimento. Já parou para pensar no que aconteceu no ano em que você veio ao mundo? Bj, Mari.

E assim, quase sem querer, começamos a trocar mimos como se trocássemos marés...Fotos, cartas, gravuras, confissões, memórias...Tudo pelo vão inferior das portas. Jana transmite tranquilidade...Um pouco como o efeito que o nadar de um peixe provoca sobre mim. Ela não tem medo da profundidade, porque esse é o seu habitat. O sentimento cresceu. Ruborizo. Somente falta trocar nossos corpos, sabemos disso. O desejo pulula como fazem



os cogumelos nas árvores. Mas, não há pressa. Enquanto isso, vivemos no limbo criado por nós, grávidas de um futuro, graças ao afeto contido no cordão umbilical que engendra nossa criatura. Sonhamos, afinal. A quem foi permitido sonhar hoje?

Milton começa a cantar na vitrola: Quem me ensinou a nadar. Quem me ensinou a nadar. Foi, foi marinheiro. Foi os peixinhos do mar. Por favor, espere um pouco mais antes de ir. Leia devagar estas últimas linhas... ainda não compartilhei essa história... Tudo isso para dizer: juntas, a réptil e a peixe gestam um anfíbio. Aprendemos como dar nó em pingo d'água.





carol stranzke. Nascida em Nova Palma/RS em 1995. Formada em Direito pela UFRGS e estudante de Escrita Criativa na PUC-RS. Acredita que ninguém é definido por um diploma. Coloca no papel o que sente desde os 13, mas só aos 25 que abriu suas escritas pro mundo. Passa o tempo pandêmico escrevendo, lendo mulheres contemporâneas, cuidando da natureza e esperando o dia em que todes estarão vacinades.

RESIGNAÇÃO OU CANSAÇO?

mais um dia em que o despertador me acorda no meio do mesmo sonho. todo mundo com máscara, menos eu. às vezes todo mundo sem e eu também. mas o medo e a insegurança sempre presentes. pelo que li isso tá bem comum. faz sentido. impossível esse apocalipse todo não afetar o nosso inconsciente. o caos de fora vem pra dentro. o de dentro, pra fora. e continua nesse ciclo sem saber o que veio primeiro. o que é causa. o que é consequência. faz diferença?

depois de perder quase meia hora divagando sobre questões que parecem me levar ao mesmo lugar, saio da cama cansada. evito ao máximo checar as notícias de manhã pra não começar o dia já ansiosa. tomo o meu café da manhã com calma. leio um livro aleatório sobre ecologia. ou feminismo. ou uma ficção. já não sei mais. ouço um podcast. vou na horta ver se aquele pé de pimenta cresceu de ontem pra hoje. converso com os meus gatos. o que for. como se esses atos cotidianos estivessem listados em um papel de tarefas importantíssimas, e eu precisasse cumpri-las até a hora do almoço. independente da ordem.

empurro as notícias pra tarde. assim dá tempo de me recuperar até a hora de dormir. 20 mil mortes. o presidente sendo um desserviço minimizando a pandemia. 50 mil. um ministro sendo trocado a cada palavra que falou fora do script. 100 mil. mas e a economia? abre comércio, fecha comércio. 150 mil. divulgação de escândalos e escândalos de corrupção. 200 mil. leitos lotados. praias lotadas. vai ter enem? 230 mil. a vacina tem um chip embutido que vai transformar todo mundo em jacaré! (ok, essa não é notícia, é corrente de tiozão do whatsapp). 500 mil?

todos os dias eu leio as mesmas notícias nos mesmos jornais. o que muda são o dia e o mês. e alguns nomes, talvez. agora já mudou até o ano, e a sensação de que tô vivendo dias iguais continua a mesma.

apesar disso, eu não sou mais a mesma.

continuo sendo uma esponja emocional que se afeta com tudo que tá ao meu redor.



continuo chorando dores que não são minhas. continuo sendo humana (tô longe de ser vacinada). mas acho que já me acostumei a sentir tanto o tempo todo. me acostumei com os números aumentando cada dia. com o presidente vendendo leites condensados milionários em um armazém de garagem. e sei que não sou a única. não sei mais se é resignação ou se é cansaço. exaustão. sensação de impotência, sabe? de que não tem nada que eu possa fazer pra mudar algumas situações. não tá ao meu alcance. nem da área da saúde eu sou. não posso carregar o mundo nas minhas costas. posso aproveitar o privilégio de seguir em casa. de cuidar de mim e dos meus. e sonhar com a utopia de que o mundo inteiro foi vacinado. até nós, brasileiros.





Cátia Docimara Silveira da Silva. Natural de Santa Maria, a chamada Cidade Cultura e formada em Filosofia Licenciatura Plena pela UFSM, um curso na qual dizer ser “fácil” de entrar, mas tão poucos conseguem concluir. Ainda na graduação, antes do estágio, senti a necessidade de práticas em sala de aula foi onde que fiz a inscrição no Parceiros voluntários e trabalhei por um ano em uma escola para crianças com necessidades especiais o que incluía crianças autistas. Foi um aprendizado e tanto! Também tive experiência com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, o que fez minha bagagem aumentar tanto que ao vir morar em Porto Alegre tive a necessidade de entrar em Coletivos onde conheci pessoas com os mesmos sonhos de poder fazer o diferencial no auxílio de pessoas onde o Estado fecha os olhos.

CASULO

Depois de quase uma década, volto à casa de minha mãe. Acho tudo tão estranho, não a vejo com os mesmos olhos, mas ela continua a me ver da mesma forma distorcida, como seus óculos, capenga. Em outros tempos, dizia que eu tinha limitações. Mas o que ela entende por “limitações”? Prefiro colocar como melhoramentos, correções. A questão é que, à sua maneira, mãe e filha, uma se preocupa com a outra. Eu me preocupo com sua saúde, e ela, com minha estabilidade financeira, já que, ao seu ver, sou a mais velha de três irmãos e ainda não estou “encaminhada”.

Não segui à risca o cronograma, fiz faculdade, mas não fui classificada de imediato em um concurso público, não casei com um homem branco e nem dei a ela um neto macho. Não agüentei aquela representação e a tentativa de agradá-la a todo o custo, aliás, não só a ela como também a meus irmãos. As minhas falas não eram validadas, e eu só era lembrada para ficar cuidando dos



cachorros quando ela fosse ao médico. Não me sentia pertencente àquele ambiente e nem àquelas pessoas chamadas de família.

No fundo sentia que tinha de sair daquele ambiente claustrofóbico.

Mas e o vírus? dizia ela.

E o que tem a ver o vírus com o fato de eu querer voltar a viver? Viver a minha vida e não conforme as expectativas dela. Fui obrigada a despir-me de minhas máscaras, fui obrigada a retirá-las, pelo menos da mais pesadas delas, a do medo. O receio de ser rejeitada por eles, meus parentes, ao mesmo tempo, com o sentimento de que eu já não era aceita, me autossabotava com o intuito de agradá-los. Não quero ser como minha mãe e nem como meus irmãos. Quero, sim, estabilidade financeira, quem não quer? Só que anseio mais a estabilidade emocional. Poder ser eu mesma, com os meus melhoramentos, acertos a serem feitos dia após dia, hora após hora. Não quero perder mais tempo tentando agradar, quero é me aceitar.





Diane Sbardelotto. Tapejara/RS, 1988. Artista visual, professora de arte e pesquisadora envolvida em projetos de arte e educação em instituições culturais, na escola pública e na universidade. Em suas poéticas explora processos da costura, investiga dobras, subjetivações, corpos, mulheres e criação artística. É mestra em Educação, licenciada e bacharel em Artes Visuais. Realizou exposições individuais e coletivas de artes, além de fazer figurinos, cenários, ilustrações de livros. Mora na cidade de Porto Alegre/RS, mas nasceu e cresceu na roça. Escrever atravessa e costura todos esses viveres.

NAQUELES DIAS, DIAS COMO ESTES EM QUE CONTAMOS SONHOS E MORTOS

Naqueles dias, dias como estes.

Só que agora sair de casa é uma obrigação.

Naqueles dias, a cadeira de praia rente à janela da sala era onde eu expunha a minha pele para ser xerocada pelo avançar do feixe de luz. Banho estreito e lento, de vitamina.

As vitaminas, passamos a consumir também daquelas que não me deixam mais esquecer. Sobreviver não seria completo se eu perdesse a memória dessa fresta, essa fresta por onde escapei alguns dias, dos dias. Essa fresta que mostra que do lado de dentro há uma casa. De todo modo, logo me darei conta de que sobreviver estará incompleto para sempre.

“Quando despertei, os raios solares penetrava as frestas do meu barracão” foi a frase de Carolina Maria de Jesus, cujas letras tentei cavar com estilete num pedaço de papelão que chegou à minha casa pelo correio, envolvendo uma enorme televisão.

Meu colega a providenciou para os dias que viriam.

Enquanto a anterior esteve queimada, a quarentena acordou um tempo de contar sonhos pela manhã.

Essa nova tarefa doméstica viralizou sonhagens à noite, causando contágio entre os demais moradores. Sonhadores online que dormiam dentro do meu celular, afundados no travesseiro ao lado, também foram atingidos. Nos despertávamos mutuamente com um “Bom dia, sonhou?” Foi testado e ficou comprovado cotidianamente que o distanciamento onírico independe dos 1,5 m e das paredes dos cômodos, e que pode ser descumprido pela internet. Que só tem eficácia isolando-se as palavras. Naqueles dias, no entanto, estávamos em condição de conversa. Uma condição adversa. Foi inevitável e sintomático contar-se.

Gotículas de medos e deleites subscientes nos contaminaram.

Cada sonho contado foi ajudando a lembrar o próximo.
Ninguém mais poderá dizer que isso tudo nunca aconteceu ou não foi sonhado.
Em alguns lapsos negacionistas daqueles dias sem televisão, contando sonhos ao invés de mortos, fomos um pouco felizes. Pode ser um tanto culposo pronunciar isso, não sei se apago, ou deixo escrito. Falsamente felizes, remendo.

No tempo do intestino, a segunda metade do café sempre esfriava na xícara, motivo para fazer outro, alongando a manhã e seguindo o protocolinho das bebidas quentes e cheirosas.

A volta do banheiro tinha um bom ar de “agora sim eu vou começar”, logo invadida por um “tudo que eu devo”, massacrada em seguida por vários “é mais do que eu posso”, somados à previsão de que “e se tudo acabar hoje”, equivalente aos tantos “por que fazer, afinal?”.

Por fim, nem começada, a continuação já era sufocada no trajeto entre a sala e o “para onde é mesmo que eu estava indo?”, quando a nova televisão chegou. Acionada como uma bomba relógio, como se a realidade só viesse por meio dela, passou a agarrar por trás cada um que passasse raspando os ouvidos nas notícias. Como um joelho, trancava-nos a respiração e instalava-nos o cronômetro no peito dizendo “não se mova”.
Não se mova porque com isso você pode morrer.
Não se mova porque com isso você pode viver.

Mas agora, agora eu tenho que sair. Mesmo que tudo possa explodir, conforme já não diz a televisão. Essa sim eu gostaria de explodir, eliminando tudo que passou por ela, apagando isso que é só um filme.

A partir de hoje, tomarei meu café com lágrimas de professores. Minha maior esperança é que, quando ganharmos o nosso Face Shield para trabalhar, eu possa desenhar lindas bocas sorridentes no vapor que minha respiração deixará nele. Assim, vou preencher, como em uma parede transparente entre nós, meu estado de ânimo e os rostos cobertos dos meus alunos, com a ficção da alegria por nos reencontrarmos.

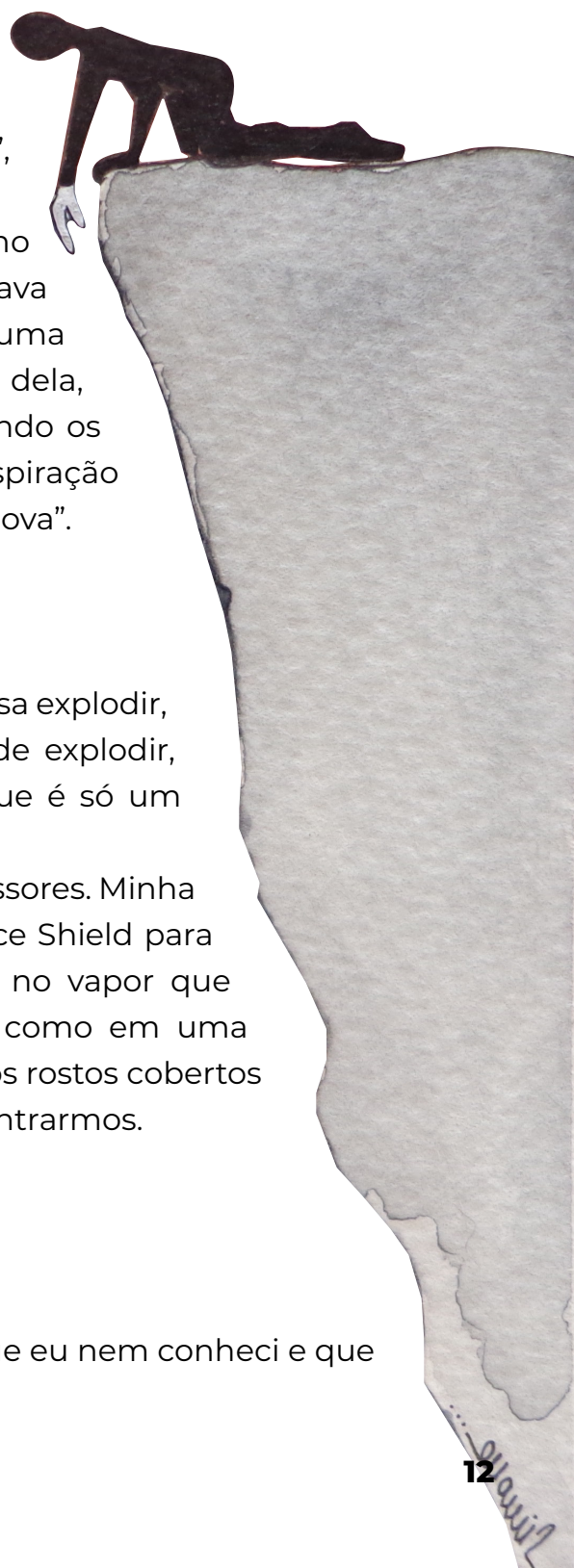
Agora eu tenho que sair.

Alguma coisa não mudou, mas devo sair.

Os sonhos sim, estes se recusam. Desapareceram.

As vacinas, como os sonhos, alguém as detêm.

Confesso que sinto uma estranha saudade dos alunos que eu nem conheci e que



já tenho que impedir que se movam. Saudade do que eles são antes que me conheçam repetindo que “não pode tocar” e “fiquem longe um do outro” e “não compartilhem materiais”.

Tenho medo do que eles vão aprender.

Depressa, em direção ao ônibus, eu penso-ofego que esse dia, um dia chegaria.

Hoje, ainda sem ritmo, vou ter que deixar todos os meus materiais de arte em casa e a crônica respingada na pia.





Jessica Oleques Rodrigues. Formada em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2016. Professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede estadual do Rio Grande do Sul desde 2017 e na rede particular desde 2020. A leitura e a escrita criativa têm espaço fundamental nas minhas aulas, pois acredito que contribuir para a construção de bons leitores é elementar na formação de cidadãos críticos.

NEM TUDO É SOBRE A GENTE

Ouvia uma buzina na frente de casa e ia atender. Era um celta prateado. Conseguia enxergar que o motorista era homem e havia um passageiro atrás. A mulher, ao lado do motorista, usava uma máscara de um animal que parecia essas que criança faz na escola. Ela tirava e colocava a máscara enquanto repetia "aháa!" com um sorriso forçado no rosto. "Otária", grita ela antes do carro partir.

Já faz algumas semanas que, em meio às planilhas extras que surgiram com o home office, pais e alunos ligando fora do horário e uma nova rotina de trabalho, tocava a buzina na frente de casa e eu ia atender. Ao me ver, o carro acelerava. Como comigo o papo é reto e não entendo indiretas, achei que se tratava de um engano e não era pra mim. Mas era exatamente pra mim.

Duas semanas se passaram. Às vezes o carro vinha no sábado, outras na sexta. O horário também não era sempre o mesmo. Por vezes era de manhã cedo, outras no final da tarde. Como ele sempre arranca quando chego na frente de casa, não consigo pegar a placa. O que faria então?

Boletim de ocorrência. OK. Filmar ou tirar foto? Meu celular não tinha espaço suficiente para armazenamento. Jogar removedor de tinta automotiva bem no meio do teto do veículo. Deixar merda de gato fermentando por uma semana, colocar num recipiente, agitar até misturar bem esse shake de excrementos para assim atirar no carro. Ao ouvir a buzina, sair correndo com faca na mão, catchup e cabelo na cara. Repassava na minha memória todas as sugestões que me deram. Ouço a buzina. Corri. Dessa vez, consegui. Anotei a placa do carro.

Liguei para a polícia, que não podia fazer nada, afinal, o carro já tinha ido embora e eles não tinham viaturas disponíveis para me atender, para variar. Mas o policial me disse no nome de quem



estava registrado o carro.

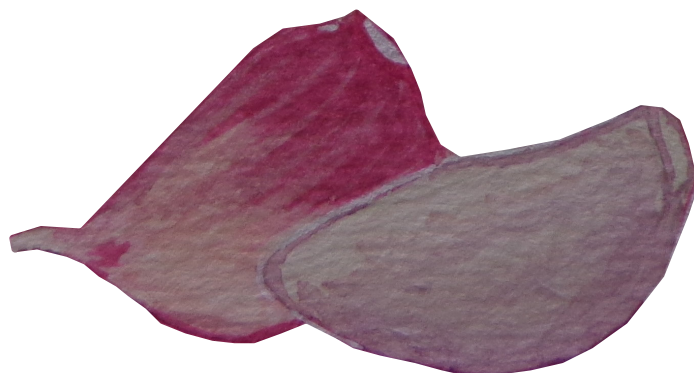
Descobri que são pessoas com quem cortei relações desde os meus 15 anos. Tenho 28 anos. Motivos? Não que eu ache que haja justificativa para esse tipo de comportamento. Para mim, não havia nenhum motivo concreto, sólido, palpável, com peso. Só que desejar fazer parte de um presente em que não está convidado para participar, porque você foi deixado no passado, já pode ser motivo pesado o suficiente para alguns.

Como lidar com a raiva de ser perturbada no seu próprio lar? Qual é a pira em tentar chamar a atenção de quem não tem relação nenhuma com você e nem quer ter? Devemos querer estar ao lado de quem também quer estar com a gente, não é? Um dos meus desafios é lidar com a raiva que ficou. Entendê-la, acolhê-la, para, assim, deixá-la ir. Preciso lidar com o que posso controlar. Nem tudo é sobre a gente.





Laura de Brito Mallmann. 25 anos, formada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora de português e inglês e escreve nas horas vagas para provar para si mesma que consegue.



DIÁRIO DE BORDO

7h30

Eu acordo, faço meu café da manhã – uma panquequinha de aveia cheia de temperos e um café passado que enche a casa.

E vou trabalhar com ele na cabeça.

O trabalho segue como sempre, a troca com os alunos já não é mais a mesma, não vejo rostos, só ouço as vozes quando chamo nomes e, às vezes, nem assim.

Suspiro e penso que logo mais estarei com ele.

9h30

Ainda é cedo, apesar da primeira aula já estar terminando.

Passa o tempo e é difícil manter o foco quando tenho tanto ao redor pra me distrair... a mensagem no whatsapp, os stories no instagram, o gato tentando derrubar meus livros e até mesmo aquele romance que eu estou tentando ler faz meses e não passei da página 38...

10h15

15 minutos para respirar e se esticar.

Já penso nele com cada vez mais carinho e desejo.

10h30

Mas ainda é muito cedo.

A turma seguinte é o oposto da anterior: ouço muitas vozes, tantas vozes, vozes até de quem nem faz parte da aula. Agora tenho que pedir para que desliguem o microfone para que eu possa falar.

E eu falo e falo e já não sei mais o que estou falando.

11h30

Tiro cinco minutos para ficar de olhos fechados em silêncio e absorver o caos que são essas aulas.

Ok, agora é eu e ele.

11h35

Coloco aquele álbum que não sai da minha cabeça. Vou pra cozinha. Agora é o momento em que eu tenho tudo sob controle. Agora eu sou a criadora.

todos os vegetais na bancada aquela frigideira grande o que eu posso fazer com esse resto de arroz acho que vou descongelar o feijão mas feijão de novo tá mas com os legumes fica diferente fica especial e se eu fizer um bolinho mas fritura de novo não deixa eu ver vou misturar os dois colocar um pouco de molho de tomate e aí eu dou uma ousada na salada alface rúcula tomate seco várias sementes quebradinhas e aquele molho que eu vi a receita ainda ontem

12h

O cheiro preenche a casa. As bocas cheias e os elogios.

finalmente o alívio de ter o controle sobre algo.





Lisandra Nunes, Lis. Mulher. Filha, neta, madrasta, enteada, esposa, mãe de pet. Apaixonada por vida, por gente, por bicho, por diversidade. Impiedosa com toda forma de preconceito e discriminação. Confusa, ansiosa, insegura; sonhadora, batalhadora, apaixonada. Feliz. Tenta usar a escrita como forma de aplacar o barulho intermitente que reverbera dentro da sua cabeça.

RESPIRAR, INSPIRAR, NÃO PIRAR

Essa noite é uma noite tranquila e me deparei com uma ideia louca de expressar como eu me sinto em relação ao mundo. Vou produzir uma peça literária. Uma não, "A" peça. Vou brilhar, revolucionar. Eu quero, eu posso eu consigo, já ouvi de algum coach de alguma coisa. Se eles conseguem, eu também consigo, e se eu puder, então quero.

Não, minha produção não vai se valer de quarentena ou de isolamento social ou de corona e nem será sobre estar ansiosa. Nem vai ser sobre a vida ou a falta dela, sobre os amigos ou a falta deles, ou sobre os amores ou a falta deles, e nem será sobre estar ansiosa vezes

dois. Isso é superado, clichê. Vou falar sobre algo

inteligente e com conteúdo, porque sou capaz de ser inteligente e profunda. Algo que me preencha e me represente. Se eu já não ouvi isso de algum coach é porque estou ficando apta a me tornar um.

Então, é só começar. Esquecer que a minha barriga está enorme e flácida e cheia da Coca-Cola que eu tomei porque eu precisava. Superar a falta de concentração, porque eu lembrei que tenho que comprar um secador novo porque o meu queimou e uma televisão nova porque a minha está velha e fraldas pra minha vó porque ela também está velha.

Talvez se eu esquecer a vontade de comer aquela cuca que está na geladeira, e esquecer que preciso comprar uma bola de basquete, um quadro e um vestido, consiga pensar em algum tema brilhante. Ou talvez um vestido não seja uma boa ideia

porque provavelmente não vai me servir depois da Coca e da cuca. Melhor seria comprar uma camisa de manga comprida pra esconder as minhas tatuagens, daí ninguém iria me olhar de cara feia no trabalho, onde todo mundo tem mais capacidade do que eu porque meu cabelo está pintado de azul. Será que, depois que eu pesquisar sobre a cor de cabelo que mais se adequa a um ambiente de trabalho formal, vou conseguir encontrar inspiração para revolucionar o mundo da escrita? Será que é a cor do cabelo que está me bloqueando?

Não, acho que é mais sensato simplesmente comprar outro computador. Taí. Esse não funciona, não consigo escrever nele. Não é justo ser impedida por uma máquina de atingir meu apogeu intelectual, de criar minha masterpiece literária. Está me deixando ansiosa, ansiedade me dá fome, vou acabar tomando mais Coca e minha barriga vai ficar ainda maior. Isso não é futilidade, é investimento. Em mim e na minha intelectualidade. Vou começar abrindo um espumante e pedindo um risotto.

Se nada disso ajudar, talvez um ansiolítico ajude. Melhor, deve existir outro tipo de remédio que me faça virar genial. Vou pesquisar. Vai que vem alguma ideia, nem precisa ser tão boa. Meio inteligente, meio burra, acho que tá bom. Na pior das hipóteses, vou descobrir um achado para a medicina. Afinal, persistir sempre, desistir jamais. Ou lutar sempre, vencer talvez? Alguém? Um coach?





Mari A. Bortoli. Nasceu em Abdon Batista (SC), e atualmente vive em Porto Alegre (RS). Formada na área das Ciências Sociais Aplicadas com interesse por muitas outras. Ocupa-se com ensino, pesquisa e execução de políticas públicas. Gosta de literatura, de encontros e de exercícios de liberdade.

Mais algumas coisas em:

<http://lattes.cnpq.br/3344778997789087>

REMOTO CONTROLE

Acorda! São quase oito. Liga o computador. Acessa todos os portais web.

Pronto. Estou ligada.

Não! Falta o WhatsApp web.

Agora, sim!

Revisa os últimos comunicados.

Tem, nada.

Texto para escrever, projetos para revisar, leituras atrasadas.

Um café?

Mais uma espiada nos e-mails e WhatsApp.

Quase 11 mil vítimas fatais e mais de 560 mil infectados, no Rio Grande do Sul.

Google Meet, às dez!

Pensei estar vendo condenados.

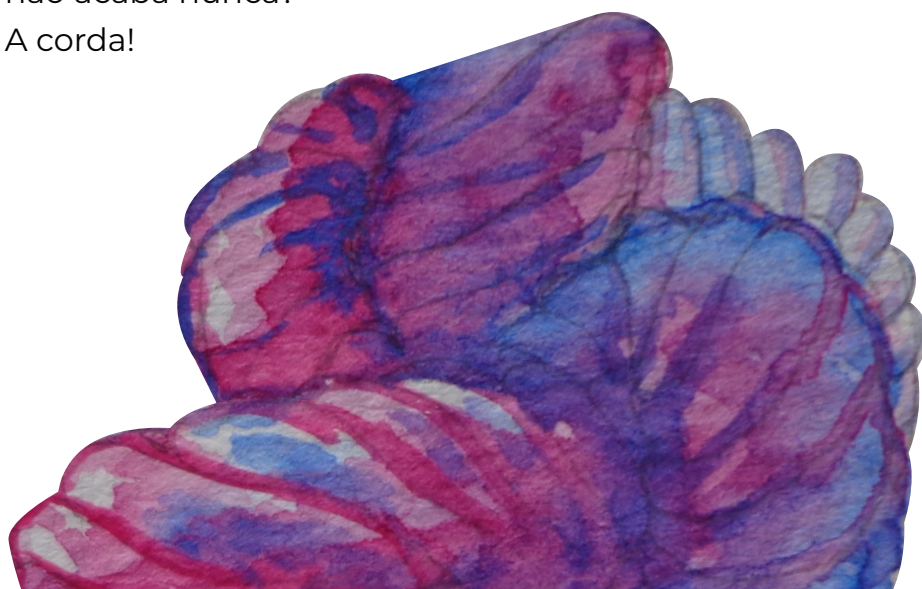
Meio dia. Faz o pedido!

Fast-food. Pelo menos tem curry.

Expirou! Senha?

Meia dúzia de e-mails para responder. Reformular projeto de trabalho. Mais leituras. Isso não acaba nunca?

A corda!







Marina Albugeri da Silva. 23 anos, graduada em História-Licenciatura pela UFRGS (2019) e bacharelada em História na mesma universidade. Meu encontro com a História, enquanto disciplina e pesquisa, nos últimos tempos tem sido movido pela inquietação e investigação da categoria raça e seus atravessamentos nas relações e estruturas. Minhas vontades e interesses rondam salas de aulas e outros espaços de troca e escuta e de aprender e ensinar, o fazer da história uma ferramenta de escrita de si, de outros mundos e possibilidades de ser e viver.

SONHO-ENIGMA

Os dias têm passado arrastados, sem muitos planos. Não se sabe o amanhã, mas não deve ser muito diferente do ontem ou anteontem. Acordo cedo, pontualmente. Mais pelo hábito do que pela ânsia de cumprir tarefas ou viver. O café da manhã se faz longo, passa arrastado, boa parte imersa no celular, meio atônita diante da tela. Quando, enfim, escapo das redes, já tonta e com os olhos cansados, demoro a reconhecer a sala de casa. Me pego surpresa com a flor do cacto abrindo, meio boba, nem sabia que cacto tinha flor, embora pareça mais um bichinho, e dos feios. A mãe tem se empenhado em cultivar sua floresta própria, mesmo diante das boladas e mãozinhas destemidas do Pedro.

A noite gera expectativas, no arrastamento dos dias, os sonhos são menos monótonos. Fui deitar pontualmente, exausta! Como que o cansaço me encontrou nesse dia tão longo? Ao menos, o sono vai ser dos pesados.

Um vai e vem. Um burburinho. Alguma senhora da vizinhança está muito doente, de cama. Será o maldito? Ai, coitada! Não deve ter muitos dias. Mas já era uma senhorinha. Menos mal. Do burburinho, irrompe o silêncio. As caras se enchem de assombro e incompreensão. Mas que caras são essas? Desconheço. No meio delas, quase reconheço o rosto de meu pai. É ele. Sorriso cheio, capaz de exhibir todos os dentes que se destacam no contraste com a pele tostada, iluminando as caras assustadas. Do silêncio, irrompe abraços, afagos e olhares. A morte é apropriada



para fazer vibrar a vida. As caras reunidas cantam, dançam e riem. Me junto a elas, feliz pelo encontro.

Acordo embasbacada, revendo as cenas, buscando sentidos. Me afundo no celular, envio uma mensagem para não perder o sonho na memória. A resposta também é de perplexo. Mas logo vem a dúvida: vocês tavam de máscara?





Neiva Borges. Formada em Letras Unisinos-RS, 2008. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais /Unisinos 2014. Especialista em: Estudos Discursivos do Texto/ UFRGS 2010, Especialista em Juventude, Violência e Risco / UFSM 2011; Psicologia Jurídica /Unylea 2017; Direito Ambiental Uninter 2017, Especialista em Educação Ambiental FURG 2019. Funcionária Pública Estadual do Rio Grande do Sul desde 2002 exercendo a função de Agente Socioeducador e ainda Voluntária da Justiça Restaurativa CEJUSC/ RS como facilitadora na Justiça Restaurativa. Sempre gostei de ler e aprender; acredito que o conhecimento abre caminhos para o autoconhecimento e a liberdade.

AUTOFIÇÃO

Narrar o obscuro, não o indizível. Posto que todos devem ter vez e voz. Eis do que se trata. Desde março de 2020, as notícias que circulam são apocalípticas e temerosas. Li até “O último Homem” de Mary Shelley, com o anseio que alguma ficção distópica me acalmasse, ou me levasse à compreensão do tema: pandemia e transformação da humanidade.

Muito se especulou, chamaram especialistas de várias áreas, muita informação, no entanto, “empobrecidos de experiências”, como diria o filósofo Walter Benjamin. Alguns convergiram; outros divergiram. Nós travamos nossas narrativas. Como boa racionalista, não me afetei. Segui minha rotina, equilibradamente; “o medo de ter medo” consegui afastar. Não temi a morte pela peste, afinal, a morte nunca me pôs medo. A luta pela vida é mais pungente.

A sobrevivência com suas exigências e contradições, defendendo, é um desafio. Sempre pensei que viver segundo nossas escolhas e ser responsável por elas é uma provocação. Tornar-me responsável pelo protagonismo da minha jornada pessoal, driblando os reveses, é uma escolha. Escolhi a ação.

A instabilidade, temida, afligiu muitos irmãos. Penso com empatia pelos conhecidos e ou desconhecidos contaminados pela doença, falecidos ou vulnerabilizados pela crise econômica mundial.

Será que esta harmonia é minha? Ou é só a minha narrativa que

quer ser aceita?

Caro interlocutor, deixo para preencheres.





Rosa Pereira. Nascida em Santa Maria da Boca do Monte (RGS), começou a escrever aos dez anos. Mora em Porto Alegre. É professora. Atuou em Educação Infantil na rede privada; no Ensino Fundamental I e II e EJA na Rede Municipal de Ensino da PMPA. Graduada em Letras pela PUCRGS; Especialização em EJA, pela UNILASSALE. Frequenta cursos, oficinas e laboratórios de escrita criativa e dramaturgia. Aposentada desde 2018; concluiu o Curso Livre de Formação de Escritores na Editora Metamorfose onde participou da coletânea de contos “Banquete”. É artesã e confecciona bonecas negras. Faz parte da Orquestra de Percussão As batucas, tocando tamborim e faz aulas de cavaquinho. No momento, se debruça em pesquisa sobre Literatura Africana e Afro-brasileira, escreve poemas, contos e crônicas e publicação de poemas em concursos e coletâneas.

MEIA-MORTE

Escrevo esta crônica depois de assistir ao documentário *Acende a Luz*, dirigido pela roteirista Paula Sacchetta e Renan Flumian e exibido na plataforma FilmeFilme.

Apagar-se, antes da morte. Antes que o corpo nos abandone. O corpo, esta engenharia complexa de curvaturas e densidade que reveste nossos órgãos, permitindo nos projetarmos perante a existência. Corpo que empresta abrigo aos pensamentos, atitudes, sentimentos e emoções. O invólucro da nossa imaterialidade. Da senciência, do espírito.

O quanto conhecemos e escutamos nosso corpo? Esse sistema. Um todo organizado, ao qual nem sempre estamos atentos aos sinais e cuidados, mas desejamos preservá-lo para continuarmos acesas. Acordadas, delegando ao corpo nos movimentar para as tarefas diárias. Atender compromissos. Abastecer a casa. Depois um banho. Finalmente, a cama para ressuscitarmos no dia seguinte. O corpo espera de nós não apenas que nos sintamos vivas, respirando, bem nutridas, com exames de rotina, tomografias mamárias e transvaginais, ajuizando as plenas condições das funções fisiológicas. Principalmente, às mulheres acima dos cinquenta anos, para quem a menopausa, as alterações hormonais, tônus muscular, a pele sem viço e

os traços no rosto anunciam o ciclo de envelhecimento. O olhar sobre a vida, mais opaco. O espelho, quase um inimigo. Preferimos encontros à penumbra, antes de admitirmos com resiliência as metamorfoses. Existindo. Conservando a luminária acesa. Sentenciando a ausência de desejo e escassez do fluido escorrendo por entre as pernas.

O corpo, ainda vívido, aguarda o cansaço. O êxtase. O prazer. A meia-morte citada pela protagonista Isabel: “o orgasmo é meia-morte. É como se a gente morresse e aí volta pro corpo. Arrepia, dói tudo, mas aí, você sai flutuando”.

Leveza. Esse corpo de dentro pra fora talvez precise ser revisitado, pois a tendência é fazermos o contrário. A sociedade ainda submete a mulher a julgamentos de extremo moralismo patriarcal. O direito às liberdades do gênero feminino é ofuscado pela ditadura da mulher-padrão: bonita, jovem e escultural simbolizando o vigor e a sensualidade. Para Isabel – que subverteu essas imposições, separando-se, após três décadas de casamento – ouvir e redescobrir o seu corpo idoso foi um ato de “coragem de cortar a amarra e recomeçar”.

Nos provoca, assim, a não resistirmos àquilo que nos configura, a nossa substância. O corpo, ente que nos anima e continua aceso, enquanto não o abandonarmos.

Portanto, um brinde a ele e com ele, sob a aprovação calorosa do espelho, num relacionamento íntimo de autoamor e tesão profundos. Deitar-se. Seduzi-lo. Gozar. Deleitar-se.

Acordá-lo, depois da “meia-morte”.





Salete Pinheiro. 51 anos. Professora, Mestre em História pela UNB (1999) e educadora popular, pelo Movimento de Educação de Base. Formada nos fundamentos estruturados pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, é Consteladora Sistêmica Familiar. Estudante de Psicanálise e Apoiadora da Fora da Asa desde 2020.

NÃO SE DEVE DEIXAR PARA MANHÃ

São 6h da manhã, e acordo assustada com o "grito" do despertador. Fico um tempo na cama pensando se vale a pena levantar tão cedo, se não seria melhor esperar para colocar o lixo seco na quinta-feira.

Em outros tempos, essa divagação matinal, sobre descartar o lixo na segunda ou na quinta, me pareceria uma preocupação ridícula e sem sentido. Mas, agora, diante da "peste" passou a ser um constante incômodo.

Não se trata apenas de descer com o lixo e colocá-lo na calçada até as 8h – quando passa o caminhão que recolhe o lixo seco –, agora é preciso, também, seguir uma série de cuidados para não nos expormos ao vírus.

Levanto da cama decidida a colocar o lixo hoje mesmo. Enquanto vou até a cozinha preparar um café, olho as manchetes dos jornais pelo celular. As notícias não são nada boas: na Itália já são quatrocentas pessoas mortas, por dia.

Lembro que preciso descer rapidamente com o lixo, pois não quero correr o risco de encontrar algum vizinho no caminho. Da última vez, dei de cara com um senhor que mora no andar de baixo. Estávamos ambos de máscaras, nos encaramos e tentamos não nos encostar, enquanto passávamos pelo apertado corredor.

Começo a me arrumar para descer com o lixo. A sapatilha velha – que já estava na sacola para doação –, a calça manchada de água sanitária, blusão, cabelo amarrado e máscara. Meu uniforme de pandemia! Olho no espelho e penso que seria engraçado se não fosse trágico. Meu gato me olha assustado com tamanha movimentação.

Respiro fundo, abro a porta e saio rapidamente, como se estivesse numa competição de marcha atlética. Passo pelo corredor e desço dois lances de escada. Até agora, ninguém, ufa!!!

A rua está aparentemente vazia – tem sido assim desde que se instalou a peste. Deixo o lixo seco no local indicado e, quando volto para entrar no prédio, ouço um barulho que vem da direção oposta. Chego mais perto para entender o que se passa e vejo um homem dentro do contêiner de lixo orgânico, tirando latas de cerveja e refrigerante.

Em outras ocasiões, já havia percebido que as pessoas da vizinhança colocavam, nos finais de semana, latas na lixeira de orgânicos. Mas o que me deixa perplexa neste momento é aquele homem dentro da lata de lixo. Parada em frente ao portão, tenho o olhar fixo naquela cena, até que o homem sai da caixa e percebe minha presença.

Nos olhamos rapidamente, e ele volta a seu trabalho de juntar as latas do chão. Pergunto se ele gostaria de um café com pão e manteiga, no que ele faz um gesto positivo com o polegar.

Preparo o café e o pão e entrego ao homem. Ele agradece e senta na calçada para comer. Eu caminho lentamente para o prédio e cruzo com uma vizinha no corredor. Da janela de casa, olho o homem na rua, sentado na calçada comendo o seu pão, e penso que nada mais importa. Nem os vizinhos, nem as minhas roupas surradas, ou o dia em que o lixo passa.





Simone Rodrigues. 1985. Formada em Artes Visuais pela UFRGS, é Artista/Educadora. Trabalha há 10 anos na Rede Pública de Ensino em Porto Alegre e se descobriu ilustradora durante a pandemia. Curiosa e inquieta, tem como hobby a investigação: de si e do mundo. Estuda Tarot, Astrologia e qualquer coisa que traga mais perguntas que respostas.

SOBRE NOMES E FOGUETES

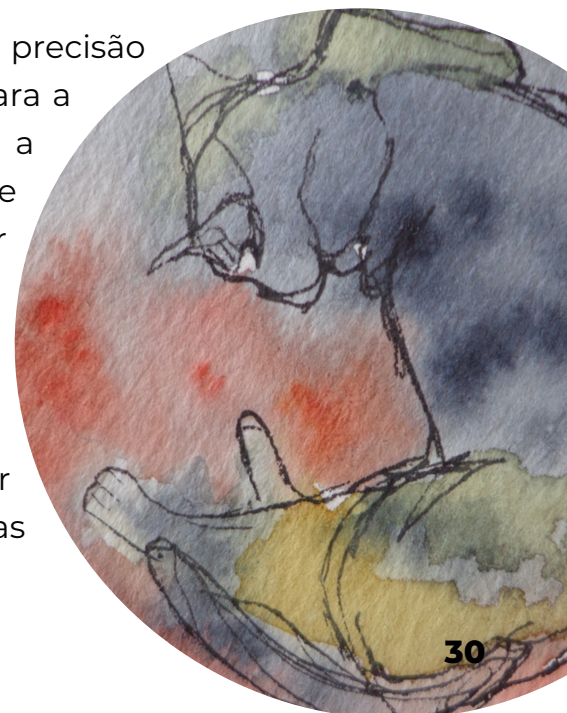
Dez dias antes da pandemia ser reconhecida como tal e o isolamento social ser decretado, ela surgiu na minha vida. Era pequena, desajeitada e fazia um barulho diferente dos demais da sua espécie. Havia um tempo que eu vinha procurando companhia extra – para mim e para a outra que já dividia uma vida comigo. Por – até então – trabalhar fora de casa e, por isso, ficar ausente por horas,urgia a necessidade de uma cúmplice pela casa.

Na fatídica manhã de uma terça-feira, antes de sair de casa, houve protesto da companheira de quarto. Morri de pena em ter que deixá-la sozinha por mais um dia a fio. Eu ainda não sabia, mas neste mesmo dia, ainda pela manhã, a outra surgiria no jardim do meu trabalho.

Quando meus olhos pousaram sobre ela, de cara eu soube que era o destino nos unindo. Entretanto, algumas questões de ordem prática surgiram, como “Teremos como arcar?”, “Quantos exames e medicamentos serão necessários?” e, a melhor de todas, “Como levar isso pra casa?”. Obviamente, todas foram rapidamente ignoradas em detrimento da mais importante e sensata: “Que nome dar?”

Pra mim, nomear algo exige um grau de concentração e precisão tão grandes quanto calcular a projeção de um foguete para a NASA. Antes mesmo da Pablio Vittar democratizar a temática espacial, a única certeza era que o nome tinha que ser de outro mundo. Com uma ideia na cabeça e um celular na mão, fui atrás de respostas no céu: cismeiquei que tinha que ter nome de alguma lua. Não poderia ser o nosso satélite natural, pois essa alcunha já tinha sido ocupada pela sua antecessora, a Luna.

Eu precisava explorar outras órbitas. Tentei buscar inspiração através das características físicas da criatura, mas



sem sucesso. Eram três cores incompatíveis com as luas até então conhecidas. O mais próximo disso era um planeta, mas chamá-la de Júpiter estava fora de cogitação. Seria megalomaniaco demais e desmereceria quem veio antes dela. Até porque, em algum momento da vida, hierarquia é uma coisa que precisa ser respeitada.

Ío e Europa pertencem a Júpiter, seria uma alternativa. Mas vamos combinar que nenhum dos nomes se encaixava para o cargo: um por ser pequeno como uma interjeição; o outro por carregar proporções continentais. Evitar comparações de grandeza também era critério na seleção. Meu Marte em Libra exigia essa equidade.

Os planetas do nosso Sistema Solar e suas respectivas luas levaram milhões e milhões de anos para se formar. A raça humana, por ser pensante e questionadora – embora haja exemplares que coloquem isso em xeque –, existe e resiste por uma necessidade de olhar para fora e nomear tudo o que encontra. Nessa intersecção, existe Miranda, a menor lua de Urano e, desde Março de 2020, um exemplar da raça felina em meu universo isolado.



ORGANIZADORAS



Camila Alexandrini. 36 anos. Professora e doutora em Letras (PUCRS/2017). É autora de “mesmo sendo só um pedaço de vida profunda” (2017), livro de contos publicado via financiamento coletivo, “Orgasmo Desconhecido” (2019), plaquete de tiragem limitada e posteriormente e-book, e co-autora de “Raízes inventadas” (2018), livreto de ensaios, publicado de forma independente via Coletivo Lápicos, coletivo de intervenções urbanas do qual fez parte de 2013 a 2017. “Do lado|de fora” (no prelo) é seu último livro, no qual se dedica à poesia e à prosa poética. É uma das

idealizadoras do projeto cultural e educacional Fora da Asa - Experiências Plurais (2017-) e ainda integrante do grupo que trabalha pela manutenção do projeto e do espaço (-2020). Em 2021, decidiu escrever semanalmente no Medium - colocando-se frente a temas cotidianos e polêmicos. Ministra aulas e cursos de escrita e leitura na Fora da Asa e em outros contextos educacionais formais e não formais. Como professora e revisora atua há 15 anos e, recentemente, assessorou a produção de textos literários como os das obras “Sujeita”, livro de poesias de Brenda Vidal, e “Atlas”, obra de ficção científica não publicada de Hitallo Dalsoto, bem como, em 2020, foi produtora do projeto TodAs EscreVemos, convocatória, seguida de panorama, de escritas de mulheres de Porto Alegre. O propósito segue e está em vias de se tornar uma iniciativa de mulheres que não só escrevem, mas também editam.



Bruna Morelo. Professora de língua portuguesa e inglesa, Mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutoranda na mesma área na Universidade de Macau. Realiza pesquisa e trabalha com contação de histórias da tradição oral no ensino de português e na formação de professores. Atualmente, é apoiadora e realizadora da Fora da Asa – Experiências Plurais, coletivo de mulheres que promove ações e projetos culturais e educacionais. Colabora como revisora e avaliadora de periódicos científicos e, recentemente, tem participado da elaboração de oficinas de escrita para mulheres e de projetos para publicação independente.

DIAGRAMAÇÃO/DESIGN



Lis Bortoli Henz. Nasceu em Porto Alegre, 1995. Interessada por fotografia, desenho e arquitetura desde criança. Busca por uma mistura desses temas no Design Gráfico/de Produtos. Formada em Design de Produtos pela Unisinos em 2017, trabalha na área há 3 anos. No seu portfólio: criação de outdoors, anúncios para jornais e revistas, identidade visual, diagramação digital, posts para redes sociais, além de alguns projetos de Design de Produtos premiados em parceria com Tramontina e Junges.

ILUSTRAÇÕES



Simone Rodrigues. 1985. Formada em Artes Visuais pela UFRGS, é Artista/Educadora. Trabalha há 10 anos na Rede Pública de Ensino em Porto Alegre e se descobriu ilustradora durante a pandemia. Curiosa e inquieta, tem como hobby a investigação: de si e do mundo. Estuda Tarot, Astrologia e qualquer coisa que traga mais perguntas que respostas.



*todas
escrevemos*

FORADAASA

Fora da Asa
Experiências Plurais
foradaasapoa@gmail.com
www.foradaasa.com.br